

ARTES PLÁSTICAS

Documento que registra o descobrimento do Brasil, a carta original de Caminha chega a Brasília com o respectivo módulo da *Mostra do Redescobrimento*. Fica em exposição no Salão Negro do Congresso

Primeiras impressões

Nahima Maciel

Da equipe do *Correio*

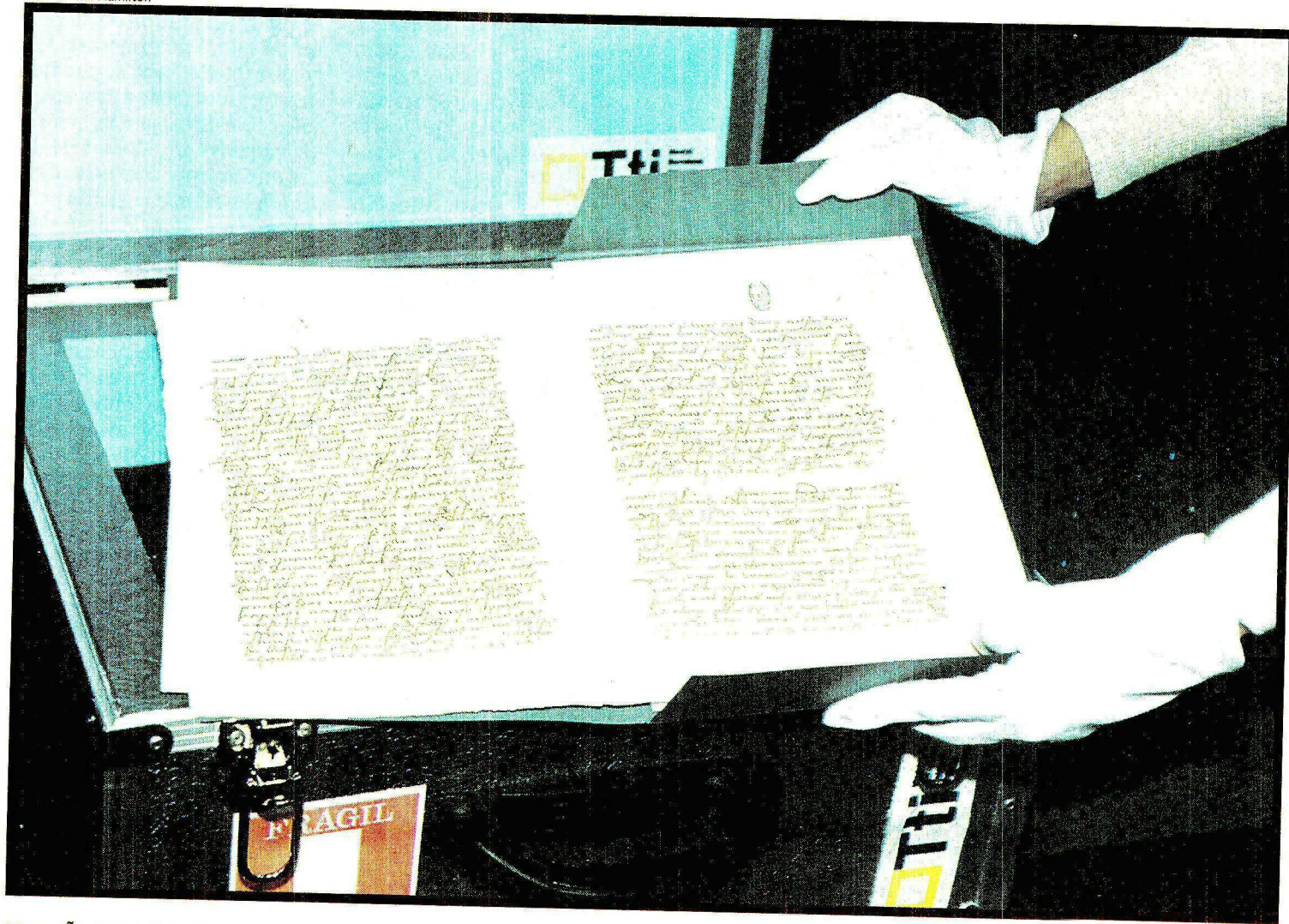
A primeira vez que a carta de Pero Vaz de Caminha atravessou o Atlântico, precisou de mais de um mês para chegar ao destino final, nas mãos do rei D. Manuel I, de Portugal. O ano era 1500 e o meio de transporte entre dois continentes se resumia a um punhado de caravelas. Cinco séculos depois, a carta faz caminho inverso. Dessa vez, confortavelmente acomodada em um cofre dotado de controle de umidade e luz, vem rodeada de seguranças. Depois de passar seis meses exposto em São Paulo, o módulo *Carta de Pero Vaz de Caminha*, um dos 13 integrantes da *Mostra do Redescobrimento — Brasil+500* (vista em São Paulo por 1,8 milhão de pessoas) chega à capital federal para cumprir o primeiro dever cívico de sua itinerância.

A Associação 500 anos, organizadora da *Mostra*, desembolsou R\$ 200 mil para trazer a carta à cidade. Normalmente, a instituição divide os custos com os governos e parcerias das capitais estaduais que recebem os módulos. "Mas Brasília foi um compromisso e está sendo bancado por nós", adianta Helena Severo, coordenadora da itinerância nacional da exposição.

Ao desembarcar ontem à tarde no Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, a carta seguiu para o Salão Negro do Congresso Nacional sob a escolta de batelões da polícia civil e federal. Uma vitrine climatizada e um cofre, preparados com 24 horas de antecedência, aguardavam a hospede. A partir de hoje, as linhas traçadas pelo então escrivão da coroa portuguesa para descrever as terras recém-descobertas poderão ser apreciadas pelo público brasileiro.

As 28 páginas do longo relato do escrivão serão apresentadas em pequenas dosagens. O visitante só poderá ter acesso a duas folhas por semana. O resto fica guardado em um cofre escuro de uma agência do Bradesco, ao abrigo da luz. Dois seguranças ficam ao lado da carta durante 24 horas por dia e os visitantes são obrigados a circular rapidamente. Além disso, uma pessoa será responsável por medir a umidade no interior da vitrine duas vezes ao dia. Os 500 anos são a marca mais preciosa do papel e qualquer alteração no clima pode danificar o documento. Em volta da vitrine, um enorme biombo traz

Fotos: Nehil Hamilton



PARA NÃO DANIFICAR O DOCUMENTO, A CARTA DE CAMINHA SERÁ EXPOSTA AOS POUCOS (DUAS PÁGINAS A CADA SEMANA) EM VITRINE CLIMATIZADA

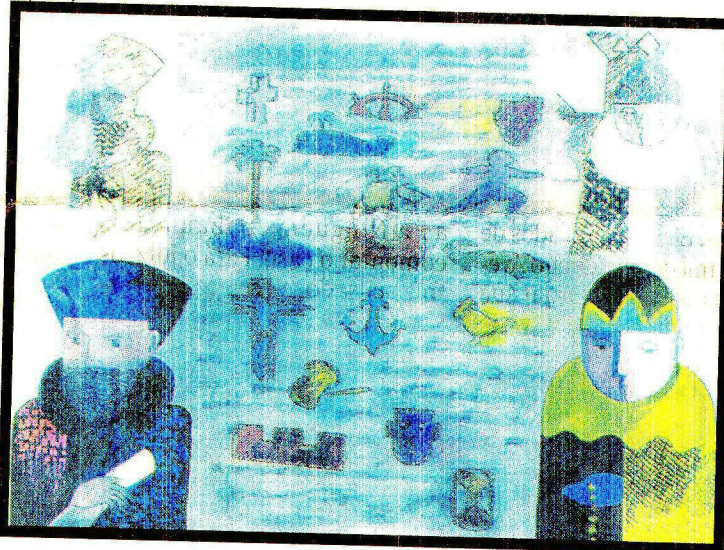
a transcrição das palavras originais e uma versão para o português contemporâneo. Mas a cenografia pára por aí. "As exposições têm de ser adaptadas aos locais que a recebem", justifica Helena Severo.

RELEITURAS DA CARTA

Ao contrário da montagem paulistana, a versão candanga da mostra não contará com o som ambiente da leitura da carta. As velas em *voil* dispostas ao redor da vitrine — opção da curadoria para lembrar as caravelas — também ficaram de fora. "É que estamos montando em um prédio público e não podemos pendurar nada no teto", explica Glória Motta, produtora da Associação 500 Anos. Da cenografia original, ficou apenas a tonalidade da iluminação.

O projeto curatorial, no entanto, continua intacto. Seguindo a proposta do curador Emanuel Araújo, a carta vem acompanhada de 22 trabalhos de artistas contemporâneos. São brasileiros e portugueses selecionados para criar obras como se fossem releituras: uma espécie de tradução para a arte contemporânea das

Reprodução



A CARTA TRAZ RELEITURA DO ARTISTA PORTUGUÊS COSTA PINHEIRO

descrições de Caminha. "Na verdade, são três exposições que contextualizam a mostragem. Procuramos artistas cuja obra tivesse uma linguagem plástica que pudesse transfigurar a proposta da carta", explica o curador.

A liberdade de criação foi a única exigência de Emanuel. As diferenças nas interpretações deixam claras as maneiras de encarar a colonização nos dois paí-

ses. Enquanto os portugueses foram mais uniformes, utilizando os tradicionais tinta e pincel em telas figurativas tendo o índio como personagem central em quase todas as cenas, os brasileiros se concentraram em representações trágicas e abstratas.

A gaúcha Karin Lambrecht foi buscar na terra de Caraiwas — perto do Monte Pascoal, o mesmo que serviu de fundo para a

descrição de Caminha — e no sangue os significados de seu trabalho. Compôs instalação formada por um desenho em papel manchado com sangue de carneiro, um quadro de texturas em terra e um objeto feito com vidro, ouro e mel. "A terra, eu trouxe de uma expedição à Bahia e funciona como testemunha; o sangue é a repetição do sacrifício e o mel, o elemento vivificador", explica a artista. A tragicidade também é tema de *Abraço*, do brasileiro Luis Zerbini. "Trabalhei o drama da colonização como se trouxesse coisas boas e ruins", conta.

Usando pó de mármore e resina, Zerbini construiu dois pequenos crânios para falar de como o colonizador pode suprimir a cultura alheia. Entre os brasileiros estão também João Câmara, Paulo Pasta, Emanuel Nassar, Glauco Rodrigues, Flávio Emanuel, Siron Franco, Antonio Helio Cabral e José Roberto Aguilar. Ao lado deles, vêm as leituras dos portugueses Álvaro Lapa, Ana Vidigal, Costa Pinheiro, Fernando Lemos, Graça Moraes, João Vieira, José de Guimarães, Júlio Pomar, Júlio Resende e Noronha da Costa.